

A Web e o determinismo tecnológico

Celso Candido

Seria interessante aqui refletir a relação humano-maquínica. Quais são as relações de determinação entre a tecnologia e a subjetividade? Em que medida a tecnologia determina e condiciona a subjetividade? Ou então como a tecnologia reflete e se define a partir da subjetividade? Seriam as tecnologias neutras? Essas questões serão abordadas a partir da perspectiva do chamado “determinismo tecnológico”.

Para começar, o determinismo tecnológico implica uma percepção simplificada e mecânica das relações entre a subjetividade e a tecnologia, pois desconhece o mais elementar, o fato de que a máquina é *em si mesma* um acontecimento subjetivo. As máquinas são ferramentas, instrumentos, objetos, certamente, mas que, em seus processos de invenção e uso, correspondem inteiramente aos desejos e ficções humanas. A máquina é subjetiva antes de ser objetiva.

Não há, evidentemente, um princípio de determinação causal segundo o qual os equipamentos tecnológicos determinam, em mão única, um certo modo de ser e agir. Entretanto, existem os grandes movimentos e acontecimentos tecnológicos que podem condicionar uma reorientação geral da sociedade e da subjetividade. As grandes máquinas técnicas ou econômicas redesenham a seu modo, as articulações sociais em suas mais diversas formas.

Viu-se, pois, que as grandes máquinas sociais operam “no coração da subjetividade humana”, bem como na extensão de toda a natureza circundante. Uma cidade industrial moderna é totalmente diferente de uma cidade antiga. A natureza encontra-se transformada, destruída, restituída, recriada; os animais se ressentem da ação humana com suas máquinas cada vez mais velozes, mais perfeitas, mais assustadoras, mais conquistadoras. Os rios, a camada de ozônio, as matas, aos poucos, vão sendo dragados e consumidos pela ação das grandes máquinas industriais e mercados de consumo. Por sua vez, a máquina da alienação, miséria e pobreza material e imaterial se alastra pelo planeta, aumentando, a cada dia, a violência social e política. As armas de extermínio químicas e nucleares não seriam uma clara evidência de que nem toda a tecnologia é interessante e, ainda mais, neutra? A bomba atômica atirada sobre o Japão não tem nada de

neutro nem de interessante. Demarca, de modo tão flagrante como é possível, a apropriação subjetiva de uma tecnologia - energia nuclear - para os piores propósitos.

Trata-se sempre de uma mútua implicação dos equipamentos tecnológicos e das subjetividades que deles se apropriam ou por eles são apropriadas. Há sempre uma relação desejante aí. Certas invenções tecnológicas condicionaram grande parte da vida social e tornaram certas atitudes possíveis. Foi assim, antes e depois da eletricidade. Durante a maior parte do tempo de vida, a humanidade viveu sobre o planeta sem a eletricidade. Hoje, entretanto, parece impossível imaginar a sociedade sem ela. Seria o absoluto caos. As subjetividades de cada época se apropriam das tecnologias e produzem neste processo novos modos de viver, maneiras inéditas de sentir e ver o mundo. Não há em si nenhuma transcendência maquínica, divina ou diabólica. Trata-se sempre de apropriações, invenções e reinvenções humano-maquínicas.

O automóvel, por exemplo, possibilita toda uma nova relação com o tempo e o espaço. Reduzir distâncias, acelerar o tempo tornaram-se possíveis graças a ele. Mas o uso que se pode fazer de um automóvel é totalmente imprevisível. O indivíduo pode deslocar-se de um lado a outro do planeta, das cidades, sem que nada aí aconteça. Ou então, cada passeio de automóvel é uma descoberta diferente, uma paisagem, uma degradação ambiental ou social, evocando formas éticas, estéticas e políticas, constituindo, desse modo, uma nova maneira de ver e entender, circular e agir sobre a cidade, sobre a superfície terrestre.

As tecnologias não são vetores determinantes de mão única, mas encruzilhadas de muitas vias possíveis. O que seria uma “técnica neutra”? Um instrumento sem “causa final”? Um instrumento sem “essência formal”?

Como não se cansou de dizer McLuhan, os meios são extensões das habilidades, dos desejos, dos limites e da imaginação humanos.⁽¹⁾ Eles têm um sentido, uma causa eficiente, uma causa final, um princípio material. O fogo, a eletricidade, o automóvel, o telescópio, o computador - não são absolutamente neutros, ainda que, de cada um, de acordo com sua *ousia*, se possa fazer um determinado uso. Em um automóvel, pode-se escolher ir a uma ou outra cidade, mais ou menos velozmente, mas se está condicionado ao que pode ou não fazer o automóvel em sua essência. O poder e a velocidade de deslocamento é, nesse caso, a mensagem do meio carro. Ao mesmo tempo, este poder de deslocamento acaba por afetar o conjunto da vida do planeta, na medida em que,

por outro lado, os gases tóxicos liberados por ele, afetam a saúde das sociedades humanas e animais, a camada de ozônio. O automóvel é “bom”, então, porque possibilita este poder de deslocamento autônomo - o espaço se torna móvel, o tempo se acelera -, mas é “mau” quando libera gases tóxicos para a atmosfera, ou quando, em razão de seu uso, provoca acidentes ou mortes estúpidas. O automóvel, sob esse aspecto ainda, não é neutro; ele é *bom* e *mau* ao mesmo tempo.

Trata-se de processos mutuamente condicionantes. Para voar, é preciso tomar um avião; para navegar em alto mar, um navio. Uma nova máquina técnica introduz, na vida humana, possibilidades inéditas que lhe correspondem especificamente. Guattari afirma:

Assim, há certas mudanças históricas devidas a uma mutação tecnológica. Por exemplo, o aparecimento das armas de ferro desmascarou os impérios asiáticos que existiam há milhares de anos. No entanto, poderia ter sido do mesmo modo uma mutação nos registros para contabilizar as máquinas de guerra, para organizar os militares, da ordem da escritura, portanto. Poderiam ter sido também mutações jurídicas, em uma relação de produção (unidade monetária), na ciência, nos transportes (descobertas marítimas) etc... Uma causalidade obrigatória, por conseguinte, não se impõe. É preciso, ao contrário, procurar como se contaminam, influenciam-se, determinam-se as diferentes mutações maquinicas; como criam focos de subjetivação parcial, uma mais-valia criadora, uma afirmação autopoietica; como elas tomam o controle...⁽²⁾

Cada meio, cada tecnologia, cada máquina técnica contém sua mensagem essencial. Assim, as máquinas de produção e reprodução de saber podem ser consideradas como extensões da inteligência humana. Um microscópio, um telescópio são instrumentos, extensões da sabedoria humana e, a princípio, *nada têm de máquinas técnicas neutras*. Sem dúvida, elas podem ser usadas com este ou aquele objetivo, para produzir armas de guerra ou conhecimento da vida; mas existe um conhecimento enquanto tal, que elas e somente elas permitem ao olho humano. Elas constituem uma mensagem, um conhecimento em si mesmo válido e efetivo. O conhecimento das mínimas partículas da vida é já a mensagem dos microscópios. Os telescópios descortinam um conhecimento específico do espaço e do cosmos. Todo o conhecimento aí revelado - e que seria

imperceptível ao olho humano nu - constitui a mensagem deste instrumento técnico, desta máquina de produção de conhecimento. É, nesse sentido, que se pode falar, com McLuhan, que “o meio é a mensagem”, na medida em que “...a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança da escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas”.⁽³⁾ Desse modo, tais equipamentos técnicos, pela mensagem que eles e *somente eles* produzem, acabam por alterar profundamente a compreensão e autocompreensão da natureza, do tempo e do espaço cósmico. O “meio é a mensagem” significa, então, que a mensagem produzida através destes meios é propriamente ampliação e penetrabilidade, expansão e profundidade visual.

Cada meio, pois, tem sua mensagem essencial. A mensagem da eletricidade com a iluminação é a da ubiquidade da luz, o aumento do campo de visão, uma mutação da relação com o tempo e o espaço, do que se pode ver e que antes não se podia na escuridão. Um meio pode ter também várias mensagens. O fogo pode controlar a escuridão; combater o frio; afugentar os inimigos; assar os alimentos e assim por diante.

Sem dúvida, não se trata de determinismo tecnológico; mas, ao mesmo tempo, é preciso reconhecer a mensagem irreversível que cada meio carrega em si; sua “potência de variação” específica. O domínio e controle do fogo, os instrumentos agrícolas, as indústrias, todos estes meios tecnológicos “condicionaram” e constituíram formas diferentes de sociedades; não existe um determinismo tecnológico porque não existe tecnologia, nem uso de tecnologia, para além de uma outra subjetividade, individual ou coletiva.⁽⁴⁾ O que existe concretamente é uma implicação na qual a subjetividade se transforma a partir da invenção e uso deste ou daquele dispositivo, na direção e dimensão próprias do dispositivo tecnológico em questão. As subjetividades transformam-se desde uma relação com os novos instrumentos de conhecimento, de fazer, de se locomover, de se comunicar. É impossível não ver a diferença entre o homem coletador e o cultivador, entre o cultivador e o industrial, o industrial e o informacional. É impossível desconhecer a mudança de direção antropológica.

A elaboração da questão da produção de subjetividade contemporânea, segundo Guattari, deveria reconhecer sua extrema dependência às

máquinas informacionais. Assim, para ele, “nenhum domínio de opinião, de pensamento, de imagem, de afetos, de narratividade pode doravante pretender escapar à influência invasora da ‘assistência por computador’ dos bancos de dados, da telemática etc.”.⁽⁵⁾ De onde o espanto da filosofia tradicional que sempre teria estado à procura da “essência do sujeito”, pois se encontra como que “ameaçada” por esta intensa dependência maquínica da subjetividade.

Dessa maneira, a análise das implicações sociais e dos processos de subjetivação das máquinas e redes cibernéticas de comunicação e interação deve cuidar para não cair no erro daqueles “cientistas políticos” que, segundo McLuhan, “...têm ignorado os efeitos dos meios em todos os tempos e lugares, simplesmente porque ninguém se dispõe a estudar os efeitos sociais e pessoais dos meios separadamente de seu ‘conteúdo’”.⁽⁶⁾ Ou seja, trata-se de perceber a constituição de um certo tipo de comportamento em razão das relações com determinado meio, tal como, por exemplo, o “envolvimento em profundidade” com a televisão e sua cultura audiovisual, que faz com que a cultura tradicional letrada pareça aos jovens, muitas vezes, um mundo irreal, destituído de importância e significação.⁽⁷⁾ Conforme McLuhan:

É o envolvimento total numa *agoridade* todo-inclusiva que se está passando com os jovens através da imagem em mosaico da TV. Esta mudança de atitude **não tem nada que ver com** a programação do veículo, seja ela qual for, e dar-se-ia do mesmo modo ainda que os programas fossem do mais alto nível cultural. (...) É nossa tarefa, naturalmente, não apenas compreender esta mudança, mas também explorá-la por sua riqueza pedagógica.⁽⁸⁾

Assim, a apreciação das mutações e da produção de subjetividade contemporânea em razão da emergência desta grande máquina híbrida de subjetivação que é o ciberespaço implica uma reflexão em torno da questão da sua *mensagem* enquanto tal.

Notas

- (1) MCLUHAN (2001).
- (2) GUATTARI <http://www.revue-chimeres.org/pdf/termin55.pdf>, em 14.12.2002a. No original: “Ainsi, il y a

certains tournants historiques dus à une mutation technologique. Par exemple, l'apparition des armes de fer démasqua des empires asiatiques existant depuis des millénaires. Pourtant ce put être tout autant une mutation partant des registres pour comptabiliser les machines de guerre, d'organiser les militaires, donc de l'ordre de l'écriture. Ça pourrait être aussi des mutations juridiques, dans un rapport de production (unité monétaire), dans la science, dans les transports (découvertes maritimes) etc... Une causalité obligée ne s'impose donc pas. Il faut au contraire rechercher comment se contaminent s'influencent, se causalisent les différentes mutations machiniques ; comment elles créent des foyers de subjectivation partielle, une plus-value créatrice, une affirmation autopoïétique ; comment elles prennent le contrôle...” (Tradução: AZAMBUJA, C.).

- (3) MCLUHAN (2001, p. 24).
- (4) As tecnologias há muito tempo invadiram o corpo humano. Os relógios estão colados aos pulsos, os celulares, óculos, próteses, e assim por diante, estão em simbiose com o corpo humano. As nano-tecnologias de comunicação e informação - que o computador pessoal anuncia a seu modo de maneira notável - microchips, microantenas, estão se infiltrando no corpo humano e se tornarão cada vez mais “naturais”.
- (5) GUATTARI (1989, p. 9). No original: “Aucun domaine d'opinion, de pensée, d'image, d'affects, de narrativité, ne peut désormais prétendre échapper à l'emprise envahissante de <<l'assistance par ordinateur>> des banques de données, de la télématique, etc.” (Tradução: AZAMBUJA, C.).
- (6) MCLUHAN (2001, p. 362/3).
- (7) Idem (p. 376).
- (8) Idem (p. 376/7).